

## Profissionais de enfermagem e pessoas transexuais: limitações e potencialidades do encontro

### Nursing professionals and transexual people: limitations and potentials of meeting

Laíze de Carvalho Nascimento

Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. ORCID: 0000-0003-0045-6983. lainascimento@yahoo.com.br

A transexualidade constitui um fenômeno complexo ligado a um contexto de saúde de necessidades específicas, permeado por uma situação social de vulnerabilidade. Devido a sua influência no processo de saúde doença a transexualidade demanda uma atenção particular dos profissionais de saúde, com destaque aos profissionais de enfermagem, pois o encontro entre estes profissionais e a pessoa transexual possui desafios, mas também tem a possibilidade de impactar de forma positiva a vida desta.

Para compreender a temática faz-se necessário trazer para a superfície o que é a pessoa transexual. Este conceito, em parte majoritária da literatura, estrutura-se sob a lógica de o sexo (macho/fêmea) seja algo definido pela natureza, fundamentado no corpo orgânico, biológico e genético, anistórico e que o gênero é algo cultural, uma construção histórica<sup>1</sup>. Assim, transexual é aquele/a que se identifica como pertencente ao gênero atribuído ao sexo oposto<sup>1</sup>.

Estas pessoas têm problemas/necessidades de saúde diferenciadas. Entre estes são destacados: os diversos distúrbios de ordem psicológica acompanhados de tendências a automutilação e ao suicídio; a violência, incluindo além da física, a sexual e a psicológica a violência institucional; a necessidade de modificações corporais, que inclui procedimentos para a readequação cirúrgica genital e o uso de hormônios femininos ou masculinos, muitas vezes sem orientação profissional<sup>2</sup>. Entretanto o maior e mais profundo sofrimento desta população é aquele decorrente da discriminação e preconceito<sup>2</sup>.

É imperativo o reconhecimento destas necessidades particulares, compreendendo que a transexualidade influencia no processo de saúde e doença destas pessoas, bem como o direcionamento de um cuidado sensível e qualificado, garantindo assim a equidade. Neste âmbito o papel do profissional de enfermagem destaca-se pela maior probabilidade de contato com a pessoa

transexual, devido a uma superioridade numérica nos serviços de saúde bem como pela própria característica do processo de trabalho mais generalista, abrangente e pela participação junto a equipe multidisciplinar. Dentre os desafios para este cuidado de enfermagem satisfatório e adequado aos princípios do SUS temos o próprio preconceito/discriminação e a falta de conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre a transexualidade.

O espaço da unidade de saúde reproduz as desigualdades da sociedade, de maneira que as diferenças não aceitas e discriminadas influenciam as formas com as quais os profissionais de saúde, incluindo os da enfermagem, lidam com as mesmas dentro dos serviços<sup>3</sup>. Assim são descritas dificuldades de acesso dos espaços institucionais de saúde pelos transexuais devido aos constrangimentos e medo de sofrer alguma violência nos ambientes clínicos, pois a prática do cuidado e do respeito às pessoas transexuais não tem constituído compromisso ético-profissional, mas prática militante ou de sensibilidade pessoal<sup>4</sup>. Desta forma uma postura preconceituosa e pouco acolhedora por parte dos profissionais de enfermagem pode fazer com que os transexuais evitem a procura de cuidados necessários.

Além de os profissionais de enfermagem estarem inseridos em uma sociedade preconceituosa com relação a transexuais, a sua própria formação não consegue ultrapassar essa limitação. Uma pesquisa no Reino Unido envolvendo mais de 1.200 enfermeiros descreveu que, apenas 13% dos enfermeiros se sentem preparados para atender as necessidades de seus pacientes transexuais, apesar de mais de 75% encontrarem pacientes transexuais em seu trabalho, e 56% cuidarem destes diretamente, o que foi atribuído a falta de treinamento<sup>5</sup>. A consequência desta qualificação insuficiente pode ser um cuidado inadequado ou ineficaz ou mesmo a inexistência desse cuidado. Entre os aspectos negativos do atendimento recebido por transexuais no contexto da saúde descritos estão: a insensibilidade ao gênero (por exemplo, usar pronomes incorretos), demonstração de desconforto, negação de serviços, atendimento abaixo do padrão, abuso verbal, hostilidade e cuidados forçados<sup>6,7</sup>.

Entretanto, o encontro entre o profissional de saúde e o transexual tem grande potencial de trazer consequências positivas e atender as suas necessidades de saúde. Neste âmbito as circunstâncias que constituem um bom encontro com profissionais de saúde do ponto de vista dos transexuais são: o profissionalismo, a integridade e respeito, a responsabilidade, a confiança e o estímulo para que o transexual seja protagonista do encontro<sup>7</sup>. Profissionais de saúde comprometidos, mostrando compaixão e agindo de acordo com as necessidades do(a) transexual, podem fazê-los sentir valiosos e aliviar alguns dos seus sofrimentos.

Percebe-se, assim, que o profissional de enfermagem tem um papel relevante diante da problemática da transexualidade. Esta atuação refere-se não apenas ao cuidado específico, direcionado às necessidades do transexual, mas vai além, incluindo o acolhimento e a inclusão nos serviços de saúde, além do posicionamento como atores sociais disseminadores de informações que influenciem o conhecimento coletivo sobre o tema, possibilitando inclusive a redução da discriminação.

## Referências

1. Arán M, Murta D, Lionço T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. *Cien Saude Colet*. 2009;14(4):1141-9. doi: [10.1590/S1413-81232009000400020](https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400020)
2. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política nacional de saúde integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.
3. Santos AS. Problematizando o acesso e acolhimento de travestis e mulheres transexuais nos serviços de saúde. In: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2013; Salvador: Universidade do Estado da Bahia; 2013. p. 71-79.
4. Silva DS. "Existe uma barreira que faz com que as pessoas trans não cheguem lá": itinerários terapêuticos, necessidades e demandas de saúde de homens trans no município de Salvador-BA [dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2017.
5. Kendall-Raynor P. Transgender training and knowledge left to chance. *Nursing Standard*. 2016; 31(8):12-13. doi: [10.7748/ns.31.8.12.s13](https://doi.org/10.7748/ns.31.8.12.s13)

6. Liang JJ, Gardner IH, Walker JA, Safer JD. Observed Deficiencies in Medical Student Knowledge of Transgender and Intersex Health. *Endocr Pract.* 2017;23(8):897-906. doi: [10.4158/EP171758](https://doi.org/10.4158/EP171758)

7. Von Vogelsang AC, Milton C, Ericsson I, Strömberg L. "Wouldn't it be easier if you continued to be a guy?" – a qualitative interview study of transsexual persons' experiences of encounters with healthcare professionals. *J Clin Nurs.* 2016;25(23-24):3577-88. doi: [10.1111/jocn.13271](https://doi.org/10.1111/jocn.13271)